

Vanguarda TV 1ª edição: uma visão crítica do telejornalismo regional¹

Paulo Daniel Gonçalves Gannam²

Universidade de Taubaté

Resumo

Esta pesquisa trata da forma como o conteúdo noticioso é divulgado pela TV, analisando o programa *Vanguarda TV 1ª edição*, telejornal regional direcionado ao público do Vale do Paraíba, dotado de significativa audiência e repercussão das informações veiculadas. A análise baseia-se nas características do telejornal ligadas aos gêneros jornalísticos informativo, interpretativo e opinativo. Para tanto, faz uso da Análise de Conteúdo, metodologia proposta por Bardin (1974), visando identificar o conteúdo latente e manifesto do telejornal em edições exibidas nos meses de julho e agosto de 2005. O objetivo principal é identificar se o telejornal prioriza informações de conteúdo regional e atribui a elas um caráter meramente informativo, impossibilitando que o telespectador possa compreender, de maneira ampla e contextualizada, o fato.

Palavras-chave:

Telejornalismo; TV regional; gêneros jornalísticos

Introdução

Os meios de comunicação exercem grande influência em nossa cultura. Refletem, recriam e disseminam um conteúdo que passa a ser relevante para a sociedade, seja em termos de informação seja em termos de entretenimento. Cumprem função essencial no âmbito educacional, tornando-se, na prática, uma escola secundária, paralela àquela já consagrada. Os meios, pois, são processos eficazes de educação informal, uma vez que “lecionam” de modo sedutor e espontâneo, pois nenhum indivíduo é forçado a contemplar, avaliar e operar, individual e coletivamente, o conteúdo recebido dos meios.

Também são vistos como uma grande alternativa educacional, devendo ser aplicados energicamente para suprir as carências escolares. Outros segmentos acreditam que os meios – notadamente a TV – são dominadores, alienantes, e precisam ser criticados e rechaçados.

Todavia, de forma geral, os indivíduos adotam uma postura ingênua perante a modernidade e celeridade dos meios. Seja como for, é necessário encará-los como uma realidade intrínseca à sociedade.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, Jornada de Iniciação Científica em Comunicação no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação

² Aluno do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. [pgannam@yahoo.com.br]

Os telejornais emitem informações sob os mais variados temas e enfoques. Assim, o estudo elaborado se refere à forma como o conteúdo noticioso é propalado pelo telejornalismo, sobretudo o regional. Dirige-se a vários públicos em múltiplas situações de análise de um telejornal. A metodologia adotada é alusiva à leitura crítica dos meios de comunicação, por meio de análise de conteúdo. O programa analisado, *Vanguarda TV 1ª edição*, é um telejornal regional, direcionado ao público do Vale do Paraíba, cuja audiência e repercussão do conteúdo veiculado são significativas. A análise foi calcada em critérios investigativos das características do telejornal, associados aos gêneros jornalísticos informativo, interpretativo e opinativo.

A principal suspeita é que o programa jornalístico prioriza informações de conteúdo regional e atribui a elas um caráter puramente informativo, embora contraditoriamente prime pelo formato reportagem para a transmissão da mensagem. Neste sentido, a leitura crítica do programa proporciona uma compreensão mais precisa acerca das reais características de abordagem noticiosa do telejornal.

O objetivo primordial é identificar os conteúdos veiculados pelo telejornal, apresentando os aspectos denotativos e conotativos do programa jornalístico, sobretudo a respeito de seu discurso (forma e conteúdo), ou seja, de elementos que dão à mensagem um novo significado, ou ainda, que oferecem um enfoque específico à informação, determinante para uma visão fragmentada da realidade adotada pelo telespectador.

Torna-se, pois, oportuno efetuar uma leitura crítica do programa, identificando suas especificidades e se atende as necessidades do público, o que contribui para se refletir acerca do papel do jornalismo regional, da importância de uma análise crítica do assunto, e da forma como a informação jornalística é tratada pelo telejornal.

Foram analisadas edições do telejornal *Vanguarda TV 1ª edição* durante os meses de julho e agosto, totalizando 4 edições durante o ano de 2005. O critério de escolha das edições esteve vinculado a programas que apresentassem fatos pertinentes, destacados de acordo com os acontecimentos ocorridos na região Sudeste, durante esse período. Foram selecionados dois programas do mês de julho (2ª e 4ª semanas) – considerado um mês atípico – e dois programas do mês de agosto (1ª e 3ª semanas) – considerado um mês típico.

A pesquisa se baseia na Análise de Conteúdo, buscando identificar o conteúdo latente e manifesto presente no telejornal regional. A partir de amostra aleatória simples, definida em meses típicos e atípicos com e sem a ocorrência de eventos extraordinários,

tem-se como objeto de análise o telejornal *Vanguarda TV 1ª edição*, cujas edições têm duração média de 30 minutos. O intuito de demonstrar que o formato do programa jornalístico se mantém o mesmo ao longo das edições se apóia no referencial teórico que trabalha com os gêneros jornalísticos, aplicáveis tanto à mídia impressa quanto à audiovisual e eletrônica. São obras referenciais as que discutem sobre o telejornalismo (CUNHA, 1990); (FERRÉS, 1998); e (PATERNOSTRO, 1994) e também os gêneros (MELO, 1985) e (ARONCHI, 2004).

Os gêneros jornalísticos no telejornalismo

Dentro da esfera jornalística, sobretudo nos veículos impressos, foram definidas formas de se oferecer jornalisticamente uma informação ao público. A emissão de uma notícia pode ser efetuada de maneira breve, sem aparentemente emitir opinião, oferecendo meramente um fato, relatando-o com isenção e desprovido-o de suas implicações e dos motivos que o geraram. Estas características se aplicam ao gênero informativo, que se apresenta, por exemplo, em um jornal impresso, sob a denominação de *notícia* ou *nota*: “A notícia é essencialmente objetiva: relata aquilo que sucedeu, está sucedendo ou vai suceder” (BELTRÃO, 1980: 52).

Entretanto, uma informação pode ser difundida de maneira contextualizada, apresentando-se as causas e conseqüências de um acontecimento em detalhe. É definida como *reportagem*, abordagem jornalística que caracteriza o gênero interpretativo. Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986: 15), uma reportagem é constituída por quatro elementos: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista, e objetividade dos fatos narrados.

Ademais, existe um gênero com o potencial de transmitir a informação sob um ponto de vista específico de uma fonte (por meio de uma entrevista pingue-pongue, por exemplo) ou de um jornalista-articulista, o que expõe opiniões a respeito dos acontecimentos. Trata-se do gênero jornalístico opinativo. Quem o pratica, num impresso, principalmente, é o editor, conforme Beltrão:

A opinião do editor; definida como o julgamento que faz sobre determinado problema ou questão, o grupo de elite que mantém o veículo, é que dita a política editorial. Fundamenta-se em diversos elementos como: a) as convicções filosóficas do grupo; b) as informações e relações que envolvem o tema proposto; c) as sondagens e pesquisas realizadas na área de circulação e influência do veículo; d) a experiência jornalística dos chefes de redação, algumas vezes mesmo

reunidos em conselhos editoriais; e, finalmente, e) os interesses econômicos da empresa. (BELTRÃO, 1980: 19)

Um outro modelo de opinião apontado estaria, segundo ele, baseado nos juízos de valor do jornalista. “A opinião do jornalista, isto é, o juízo que manifesta sobre os problemas em foco e a respeito dos quais informa e comenta, simultaneamente, em secções ao seu cargo e em matérias por ele firmadas” (idem, op. cit.: 20).

Do ponto de vista dos gêneros, Aronchi afirma que sua definição epistemológica fornece o princípio para os estudos de gênero na televisão. Para ele, trata-se de um

Conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns convencionalmente estabelecidos. Qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, fatos, idéias com caracteres comuns. Classe ou categoria de assunto ou de técnica. O que distingue as obras de uma época ou de uma escola. (HOLANDA apud ARONCHI, 2004: 41)

De tal forma, os programas de televisão configuram um conjunto de espécies, categorias. Quanto aos gêneros sob a ótica da comunicação, existe, segundo Barbosa Filho (apud ARONCHI, 2004: 44), a definição de que são como unidades de informação que, estruturadas de acordo com seus agentes, determinam a forma de apresentação do conteúdo, acompanhando o momento histórico de produção da mensagem. Os gêneros poderiam ser entendidos como projetos para se comunicar, fatos culturais ou ainda modelos dinâmicos, organizados com as dimensões históricas de seu espaço de produção e apropriação. Congregariam, em um mesmo viés cultural, tanto emissores e produtores quanto receptores da informação.

O gênero pode ser reconhecido pelo fato de “acionar mecanismos de recomposição da memória e do imaginário coletivo de diferentes grupos sociais” (idem, op. cit.: 44). Em TV, segundo ele, *entrevista* seria um gênero ligado aos programas jornalísticos de uma emissora, que procuram pessoas de múltiplas áreas do conhecimento para ficar cara a cara com o apresentador, em sua maioria jornalistas tarimbados. Os programas de informação, em contraposição, poderiam estar reunidos em um único gênero: o telejornalismo.

Os departamentos de jornalismo das redes de televisão mantêm uma estrutura independente e com tecnologia para a produção de programas estritamente voltados à categoria informação. As emissoras classificam de telejornalismo os noticiários, informativos segmentados ou não, em diversos formatos (ARONCHI, 2004: 149).

Matérias oferecidas sumariamente constituem o chamado gênero informativo. Em TV, esta maneira de informar aparece sob o formato³ de telejornal, sobretudo através de boletins, notas, links, ou escalada, que, brevemente, divulgam os acontecimentos cotidianos sem preocupação de contextualizar o ocorrido. “Os programas adquirem o formato de telejornal quando um apresentador chama reportagens ao vivo ou pré-gravadas e editadas e até faz entrevistas em estúdios. Pode ter um ou dois apresentadores e contar com comentaristas” (idem, op. cit.: 175).

Por sua vez, verifica-se que as emissoras não estabelecem uma diferenciação dos gêneros jornalísticos (informativo, interpretativo e opinativo), ao menos explicitamente, posto que cada empresa segue uma classificação específica de programação seguindo interesses comerciais.

Por outro lado, José Marques de Melo retornou ao tema (pela dificuldade em se aplicar esses gêneros na construção jornalístico-televisiva) e toma como parâmetro básico para a classificação o texto como unidade discursiva. “Não é o código que caracteriza um gênero jornalístico e sim o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público” (apud LINHARES: 2005).

Melo adota dois critérios para a categorização dos gêneros. Em primeiro lugar, concentra os gêneros (relatos jornalísticos) em categorias, identificando-os, *a posteriori*, a partir do caráter estrutural dos relatos nos procedimentos jornalísticos, consolidando a divisão em jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, crônica, coluna, caricatura e carta).

Há ainda a observação de Gimis segundo a qual “os gêneros nos ajudam a situar, comparar e também ver como está feita a obra, nos ajuda a compreendê-la” (apud LINHARES: 2005). Então, os gêneros possibilitariam o estabelecimento de relações entre forma e conteúdo. Numa visão prática, Sebastião Squirra diz que as notícias apresentadas nos telejornais se dividem em três blocos: notas simples, notas cobertas, aberturas e encerramentos das matérias.

As notas seriam “qualquer fato ou evento que seja interessante veicular no telejornal (...) são matérias curtas, que informam objetivamente o fato acontecido ou por acontecer” (apud LINHARES, 2005).

³ O termo formato diz respeito às características gerais de um programa que identificam a forma e o tipo de produção de um programa de televisão. (ARONCHI, 2004)

As notas cobertas teriam as mesmas características das primeiras, salvo por usarem inserção de imagens, propiciando maior elucidação do tema. Já as aberturas e encerramentos têm por finalidade inserir os telespectadores no assunto, tornando-o mais inteligível. Aberturas e encerramentos teriam ainda a função de mudar para uma nova informação ou notícia, e tudo é atribuído ao apresentador do telejornal dentro do estúdio. Para o autor, o gênero informativo e o opinativo seriam típicos do telejornalismo.

Em termos de telejornal, levando-se em conta os três gêneros que serão considerados na análise deste trabalho, pertenceriam ao informativo cinco formatos: nota, notícia, reportagem, entrevista e serviço. Ao opinativo, editorial, comentário, resenha, crônica e caricatura. E, ao interpretativo, a enquete, o perfil, o dossiê e a cronologia (cf. GOMES, 2005).

Neste capítulo, foram abordados os diferentes gêneros jornalísticos existentes, apontados por diversos autores e empregados essencialmente sobre os veículos impressos. Conduzindo esses mesmos gêneros a um contexto de um programa jornalístico televisivo, possibilitou-se a determinação – por meio da visão de outros autores – de como esses mesmos gêneros podem ser aplicados ao telejornal.

Considerando-se as classificações apresentadas pelos autores no corpo teórico da pesquisa, chegou-se a uma categorização específica. A princípio, estipulou-se que abrangeriam o gênero jornalístico informativo no telejornal *Vanguarda TV 1ª edição* os seguintes formatos: **boletins, notas (pelada, coberta, etc.), links, e informações ligadas ao serviço**. Para o gênero interpretativo, a **reportagem**, o **dossiê**, e a **cronologia**. Para o gênero opinativo, a **entrevista**, a **enquete**, o **perfil**, o **suelto** e/ou **comentário**.

A TV Vanguarda e seu telejornalismo

A Rede Vanguarda de Televisão surge no momento em que a Rede Globo vê necessidade e pertinência de um sistema de afiliação para consolidar seu crescimento por todo o país, adquirindo notável abrangência enquanto veículo de comunicação popular. De acordo com Flausino (apud SANTOS, 2004: 32), o estabelecimento da TV Vanguarda “se deu em 100 dias, inaugurando-se em 1º de outubro de 1988, vale dizer, o último prazo concedido pelo governo para sua implantação, sob pena de perda da concessão”.

Quinze anos depois, em meados de 2003, a Rede Vanguarda assumiu um papel crucial na área coberta pelo seu sinal, graças ao estabelecimento de uma nova sede, mantendo a de São José dos Campos e instalando outra em Taubaté. Neste contexto,

desponta o *Vanguarda TV 1ª edição*, telejornal que vai ao ar às 12h15min de segunda a sexta-feira, e, aos sábados, às 12h20min, com duração de cerca de 30 minutos. Explora conteúdos variados, geralmente vinculados à região e durante o qual observa-se a ligação entre os estúdios de São José dos Campos e de Taubaté, conferindo, ao vivo, dinâmica e interatividade ao telejornal,

Os índices de participação da comunidade – que ultrapassa a soma de todas as concorrentes existentes na região, como TV Band Vale, SBT, Rede Record, Canção Nova e TV Setorial – são altíssimos em relação aos concorrentes, abrangendo 63% da audiência regional. A TV Vanguarda, cobrindo 46 municípios, torna clara a sua soberania sobre as demais emissoras regionais e permanece como a mais assistida na região. A TV visa ocupar todo o espaço fornecido pela Rede, uma vez que seu objetivo não é o de se transformar em uma emissora exclusivamente regional ou o de substituir a Rede Globo por outra cabeça de rede, mas o de conter, sincronicamente, a característica local e nacional.

Para que se tenha uma programação jornalística com vistas à regionalização e com atributos que lhe confirmam qualidade do ponto de vista técnico e conteudístico é necessário lançar mão de uma programação local, algo que pode ser impedido pelas elevadas despesas de produção ou pelas próprias inerências ideológicas da TV. Neste plano, as TVs regionais também são afetadas, sobretudo aquelas que recebem o sinal de uma cabeça de rede, como ocorreu na Vanguarda.

O *Projeto de Desenvolvimento e Expansão das Afiliadas*, o PRODETATI, criado por volta de 1982, em conjunto com a Central Globo de Jornalismo, comandado pelo Jornalista Raul Bastos – que atuou como consultor de qualidade em emissoras afiliadas de todo o país – tinha como escopo avaliar a situação de cada uma delas, detectando e sanando os possíveis problemas que pudessem aparecer. Para tanto, adotava medidas que visavam diminuir os equívocos locais, fazendo com que as mensagens fossem produtivas e rentáveis.

Conforme Bazi (2001: 30), historicamente, as emissoras regionais afiliadas devem estar ajustadas ao chamado “*Padrão Globo de Qualidade*”, ou seja, devem seguir os moldes técnicos, visuais e operacionais da rede. Os “padrões globais”, muito citados por estudiosos e pesquisadores, podem ser traduzidos como um conjunto de métodos de uma programação rigorosamente uniforme. Por exemplo, determina a maneira de o locutor se apresentar no telejornal, qual vestimenta deverá utilizar, como deverá ser o plano de fundo do programa, quais os equipamentos, as formas de se produzir e transmitir uma

informação, etc. Tudo isso, com o intuito de ceder lugar a um conteúdo universal, de forma a proporcionar cifras satisfatórias, como mostra Flausino:

Ao interesse pelos mercados regionais, somaram-se outros fatores que contribuíram para o processo de regionalização da Globo. Os telejornais da rede precisavam da participação das emissoras afiliadas. Com a produção centralizada entre o Rio de Janeiro e São Paulo, no máximo com contribuições que chegavam de Belo Horizonte, Brasília e Recife, para “retratar” o Brasil, a rede Globo precisava dotar as emissoras regionais de recursos técnicos e humanos, dinamizá-las e torná-las eficientes sob o ponto-de-vista comercial, como se viu, e jornalístico, a contrapartida do processo. O Jornal Nacional, de 1969 e o Jornal Hoje, de 1971, precisavam ser abastecidos com a contribuição jornalística dessas afiliadas. (2001: 31)

O fato de os profissionais dos telejornais da rede terem depositado tantos esforços no investimento e na profissionalização do telejornalismo regional se explica pela abertura de espaços para que os conteúdos regionais se direcionassem, muitas vezes, ao telejornalismo executado na rede.

Na TV Vanguarda, atualmente, existem três edições diárias de telejornais: às 6h30min, às 12h15min e às 19h. O telejornal foco da pesquisa é o *Vanguarda TV 1ª edição*, das 12h15min, que privilegia conteúdos do cotidiano da região e é conduzido por dois apresentadores – com duração que varia de 27 a 31 minutos. Durante o programa, a TV faz uma ligação do estúdio de São José com o de Taubaté, cada qual provido de um apresentador. O programa tem início com a apresentação das principais notícias que são contempladas, sendo que cada apresentador assinala, intercaladamente, os fatos pertinentes à cidade na qual estão transmitindo a informação (um em São José, e outro em Taubaté) ou ainda fatos de cunho nacional. Durante todo o decorrer do programa é visível a interatividade entre os estúdios, numa dinâmica escalada das informações, até chamar a vinheta e iniciar a transmissão dos conteúdos – compostos por notícias, imagens, sonoras (entrevistas fora do estúdio), matérias cobertas, etc., e sem a participação de convidados no estúdio.

A presente pesquisa realizou entrevista, via e-mail, com a atual editora-chefe do telejornal *Vanguarda TV 1ª edição*, Terezinha de Almeida, cujo enfoque conferido foi predominantemente acerca dos parâmetros de noticiabilidade da emissora, a estrutura e o funcionamento do telejornal objeto do trabalho, além da visão que a empresa possui em relação a determinados fatos.

Análise

Na análise morfológica, a meta foi verificar quais os conteúdos tratados no telejornal, qual o tempo oferecido a cada uma das informações; qual a identificação dos formatos utilizados para transmiti-las, e, além disso, o que foi anunciado e qual o tempo privilegiado para anúncios durante os intervalos do programa.

Em seguida, foram realizadas as análises quantitativa e qualitativa. A primeira consiste numa sondagem mais profunda das quatro edições sob o ponto de vista manifesto do conteúdo, levando-se em conta elementos como os temas (categorizados a partir da leitura morfológica em: Polícia, Esportes, Cultura e Cotidiano, sendo que este último foi fracionado em informações cotidianas que dizem respeito a instituições públicas que não atendem adequadamente a população, e informações cotidianas de outra natureza qualquer) abordados em cada edição, no conjunto das edições, e o grau de predominância de um deles em detrimento de outros (calculando seu tempo de exposição). Também foi feita uma verificação numérica dos formatos utilizados e quais deles foram os mais empregados em cada edição e na somatória das edições (computando o tempo de exposição *de reportagem, link, boletim, nota, suelto, serviço e vídeo-reportagem*). A nota-pé, quando apareceu em um destes formatos foi agregada ao mesmo na contagem. Observou-se ainda a qualificação das fontes (e quais são as instituições envolvidas na matéria) priorizadas pelo telejornal, entre outros elementos.

Na qualitativa, realizou-se uma interpretação das informações considerando os objetivos gerais e específicos do trabalho.

Síntese dos dados obtidos

Para as quatro edições, o número total de cada sinalizador que indica a presença/declaração de fontes ficou assim distribuído:

<i>Verbos Discendi</i>	<i>Segundo</i>	<i>De acordo com</i>	<i>Para</i>	<i>Conforme</i>
32	25	6	3	1
50%	25,2%	10%	5%	2%

Para as quatro edições, o tempo total de exposição de cada tema categorizado ficou assim distribuído:

Cotidiano	Polícia	Cotidiano (instituições que não atendem adequadamente à população)	Cultura	Esportes
40' 24''	29' 22''	11' 21''	2' 29''	1' 41''
48%	35%	13%	3%	2%

Para as quatro edições o número total de cada formato ficou assim distribuído :

Notas	Reportagens	Links	Serviços	Boletins
26	25	13	7	2
36%	34%	18%	10%	4%

Para as quatro edições o tempo total de exposição de cada formato foi o seguinte:

Reportagens	Links	Notas	Boletins	Vídeos-reportagem	Sueltos
47'19''	20'20''	13'59''	2'2''	1'55''	8''
55%	24%	17%	2%	2%	0,1%

Fontes que maior tempo de exposição obtiveram na somatória das edições dentre as que tiveram exposição mais longa por cada bloco de cada edição:

<i>Vanguarda TV 1ª edição, 17 de agosto de 2005:</i>	<i>Vanguarda TV 1ª edição, 3 de agosto de 2005:</i>	<i>Vanguarda TV 1ª edição, 27 de julho de 2005:</i>	<i>Vanguarda TV 1ª edição, 5 de julho de 2005:</i>
Capitão Valter Padula – Polícia Militar.	José Rubens de Souza, diretor do Procon – Jacaref.	Marcos Sanches, meteorologista.	Antônia Varotti, presidente da Fundação Cultural.
1'39''	1'21''	1' 10''	40''
34%	28%	24%	14%

Qualificação Predominante do tipo de fonte (oficial/ cidadão) dentre as que tiveram exposição mais longa por cada bloco de cada edição:

Fontes Oficiais	Fontes Anônimas (cidadão):
8'38''	56''
90%	10%

Análise Qualitativa

De posse dos dados coletados a partir da leitura morfológica e da análise quantitativa, realizou-se a análise de conteúdo, metodologia proposta por Bardin (1974).

Pelo fato de, numericamente, constituir-se como formato que mais esteve presente nas quatro edições do telejornal *Vanguarda TV 1ª Edição*, a observação se limitou a quatro fatos transmitidos na forma de reportagem, uma de cada edição, contabilizando-se, assim, quatro reportagens. Vale acrescentar que, caso o tema da matéria inscrito nas reportagens selecionadas estivesse incluindo informações oferecidas por meio do formato de link, este também passou a integrar-se ao quadro de análise.

A análise das quatro reportagens, cada qual inserida em uma das edições, levou em consideração os seguintes conceitos: 1- *Avaliação*, 2- *Enunciação*, 3- *Expressão* 4 - *Relações*, 5- *Discurso*.

Considerações Finais

O telejornal *Vanguarda TV 1ª edição* reforça o papel das instituições para transmitir a sensação de normalidade no cotidiano da população. As matérias se apresentam como uma espécie de relato dramático e dotado de uma estética pré-definida. Num primeiro momento, trata-se do problema, um sujeito desesperado, a população com medo, insatisfeita. Em seguida, surge o papel da emissora e dos órgãos oficiais como os “heróis” incumbidos de solucionar os conflitos. Isto se manifesta nitidamente nas matérias cujo tema principal é violência.

Os fatos são narrados sob a ótica da autoridade competente para resolver o problema da comunidade. Exemplos: segundo o delegado, a Polícia (Militar, Federal, Civil), o Ministério Público etc. Isto pôde ser verificado, entre muitas outras matérias priorizadas de jornalismo policial, em uma reportagem sobre vandalismo, veiculada na edição de 27 de julho de 2005.

Pôde-se perceber uma espécie de slogan implícito: “fique de olho, pois estamos atentos” na abordagem das matérias por parte do telejornal. Os repórteres apuram as matérias unicamente a partir da versão das fontes. Portanto, não se investiga ou interpreta se o que estas fontes estão dizendo é verdadeiro ou não. O jornalismo praticado é, portanto, declaratório.

Apesar de privilegiar majoritariamente o formato reportagem para transmitir a informação, a notícia é apresentada sob o ponto de vista da emissora, manifestada pelo tempo concedido a determinadas fontes; em quais condições elas se apresentam; pela entonação dada pelos apresentadores quando se fala de alguns posicionamentos apresentados na matéria; pelo uso de adjetivos que conferem a determinados trechos das reportagens um sentido tido como interessante pela emissora; pelo uso de *sueños* (comentários breves e sugestivos no término das matérias, que creditam à informação uma interpretação específica da emissora), entre outros. Isto pôde ser evidenciado, por exemplo, em informação sobre a greve do INSS, em quaisquer das edições em que o tema tenha sido tratado, mas, especialmente, na de 17 de agosto de 2005.

Oferecer um conteúdo interpretativo pode possibilitar ao telespectador o raciocínio, algo que não é interessante para a emissora já que se considera também uma instituição zeladora do bem-estar da sociedade.

O conteúdo opinativo só é utilizado para complementar aquilo que as instituições já ofereceram. As críticas aos órgãos oficiais são direcionadas e quase nunca são feitas

quando não estão cumprindo com seu papel. Simplesmente se dá lugar às suas versões sem qualquer apuração mais profunda.

O papel do cidadão é vigiar, ver o que está sendo feito, mas quem faz isso no lugar dele é o telejornal, um “amigo” da população. Portanto, por trás do serviço oferecido (semelhante a um disque-denúncia, ou ao telefone de um órgão de proteção do consumidor etc.) evidencia-se uma maneira que a emissora encontrou para mostrar-se aparentemente preocupada com questões voltadas à cidadania.

Apesar de, em entrevista via e-mail, a editora-chefe do telejornal, Terezinha de Almeida, afirmar que (se referindo ao programa) “evitamos a violência, aquele jornalismo mundo-cão, que não contribui para a melhoria da qualidade dos nossos programas”, o jornalismo policial – aquele que envolve assuntos ligados à violência e às ações da polícia para inibir os infratores e no qual o repórter apenas acompanha as investigações das autoridades – ganhou 35% (29’ 22’’) dos espaços totais atribuídos aos diferentes temas categorizados pela pesquisa.

Este trabalho também partiu do princípio de que a função do jornalista é trazer sentido para o fato. De acordo com o sociólogo francês Jean Baudrillard (1999: 158), “estamos contaminados pela síndrome depressiva do poder complexo de justificação de todo e qualquer poder ao tornar-se excessivo, sem representar mais nada” Para o autor, seria o caso do político e também da mídia. “A televisão passa a girar em torno de si mesma, na própria órbita, e a detalhar à vontade as suas convulsões porque não é mais capaz de encontrar sentido no exterior, ultrapassar-se enquanto meio para encontrar o seu destino: produzir o mundo como informação e dar sentido a essa informação” (idem, op. cit.).

Diante de tal pressuposto teórico, pôde-se verificar que o jornalismo desempenhado no telejornal *Vanguarda TV 1ª edição*, ligado a conteúdos policiais, é, grosso modo, tratado de maneira improdutiva, descontextualizada, sem muita razão de existir senão pelo fato de reforçar, como mencionado, a eficácia e o combate dos órgãos constituídos à violência cotidiana.

Outra observação feita pela editora é a de que as pautas levadas adiante pela equipe de reportagem devem ser basicamente de interesse público. “Quanto maior o interesse público, maior o nosso interesse por ela”. Neste aspecto, é preciso deixar claro que há uma grande disparidade entre “interesse público” e “interesse do público”. O primeiro está relacionado a conteúdos que apresentem à população soluções para a modificação de sua

realidade, por meio de elementos interpretativos dos fatos que municiem o receptor da notícia – que toma ciência de seus direitos e, mais do que isso, passa a ter condições de que lhe sejam assegurados esses direitos.

Na outra ponta, encontra-se o que interessa, em muitos casos, ao público. Consiste naquilo que o público percebe como notícia atrativa, instigando sua curiosidade pelo mórbido, pelo incomum. Isto é, imagens chocantes, sedutoras, até fílmicas, apresentando, tal como num longa-metragem de ação, as trilhas percorridas pela polícia para captar criminosos, proceder à apreensão de drogas, ao fechamento e à captura de bingos e máquinas caça-níqueis. Em termos de atividade jornalística, trata-se de sensacionalismo.

O telejornal, ao dedicar-se amplamente a um tratamento informacional que seja “interessante para o público” (leia-se o conteúdo descrito na análise qualitativa), em realidade, prima por pautas que tenham potencial para tanto. O conceito de “interesse público”, na verdade, poderia ser substituído pelo que a emissora julga como “interesse público”. A editora também afirma que a missão do jornalismo praticado pela emissora é o de “dar voz à população e às autoridades para que encontrem soluções para os seus problemas”.

Os conceitos apresentados neste trabalho demonstram que um dos papéis imputados à atividade jornalística é o de apresentar ao público múltiplas versões e pontos de vista sobre determinado acontecimento e equanimemente. No entanto, não deve se limitar a isso. O diferencial do ofício, em matéria de contribuição social, encontra-se exatamente em, a partir das variantes oferecidas pelas fontes, dar seu parecer mediante apuração profunda, confirmação dos dados oferecidos pelos entrevistados, e assim por diante. Sempre tendo em vista a busca pela verdade.

A derradeira e polêmica discussão que pôde ser aberta a partir desta pesquisa foi a da classificação que a própria emissora atribui ao seu jornalismo e a si mesma, como sendo regional. É importante lembrar que, para que uma emissora de televisão tenha efetivamente caráter regional, existem alguns princípios que deverão sempre nortear tal conceito. Serão enumerados alguns, minimamente descritos simplesmente para contextualizar o assunto.

De acordo com o pesquisador Cidival Morais de Sousa (2006), não deve ser definida pela abrangência do espaço geográfico que ocupa, e sim pelas especificidades do conteúdo; a identidade regional se caracteriza pelo pertencimento da emissora à sua região; a forma do discurso e o conteúdo em si devem corresponder às características da população que recebe o seu sinal; tem a ver com a natureza do investimento (interno, para ser

regional); e deve ter autonomia na grade de programação para produzir conteúdos regionais em conformidade com as necessidades do público.

A partir destas premissas e tendo-se em conta que o conteúdo jornalístico executado pelo *Vanguarda TV 1ª edição* segue parâmetros “globais” de formatação (seja pelo sotaque pasteurizado dos apresentadores, seja pela forma com que são transmitidos e tratados os conteúdos); que a Rede Vanguarda não pertence e tampouco nasceu na região, por ser idealizada a partir de investimentos externos; e que não tem autonomia de programação (haja vista o horário nobre, que obrigatoriamente retransmite a programação da Rede Globo), conclui-se que trata-se de uma TV regionalizada, ou seja, se adaptou ao local, mas não é local e sequer se parece com o local por conservar moldes jornalísticos advindos dos EUA e convencionalmente adotados por todas as emissoras de caráter nacional.

Referências Bibliográficas

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARBEX JR., José. **Showrnlismo**: A notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARONCHI, J. C. S. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Trad. Juremir Machado da Silva. 2ª Ed. Porto Alegre. Sulina. 1999.

BAZI, R. E. R. **TV regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

BELTRÃO, L. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CARVALHO, C. H. Os desafios da TV brasileira. In: DOWBOR, Ladislau et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 305-311.

SOUSA, C.M, org. **Televisão regional, globalização e cidadania**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.

CODO, W. **O que é alienação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, A.A. **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas, 1990.

FERRÉS, J. **Televisão Subliminar: Socializando através de Comunicações Despercebidas**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FLAUSINO, C. **TV regional: Deveres e fazeres**: estudo de caso de uma emissora regional da Globo - Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – ECA/USP, 2001.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GOMES, I. M. M. **Em busca de uma metodologia para investigação do processo receptivo: estratégias de construção de telejornais**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/Pos/aplcm/itania.html>>. Acesso em: 18 jul. 2005.

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.

LINHARES, G. **Gêneros**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%20%204%20%20Roberto%20E%20Benjamim/gladis%20linhares.doc>>. Acesso em: 11 jun. 2005.

MANUAL de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Central Globo de Jornalismo, 1988.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2003.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão: A Vida Pelo Vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

_____. **Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MATTOS, S (org.). **A televisão e as políticas regionais de comunicação**. São Paulo: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação/ GT Televisão, Salvador, 1997.

MELO, J.M. **Para uma leitura crítica dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MORAN, J.M. **Como Ver Televisão**. São Paulo: Paulinas, 1991.

PARTERNOSTRO, V.I. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRIOLLI, G. Antenas da Brasilidade. In: BUCCI, Eugênio (org.), **A TV aos 50 anos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

RAMONET, I. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, S. G. **O telejornalismo e a cidadania**. (Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação Lato Sensu em Comunicação, Educação e Novas Tecnologias). Taubaté, SP: Universidade de Taubaté, 2004, 89p.

SILVA, A.; e SILVA, A. **A (des) Construção da Imagem**. (Projeto experimental de Publicidade e Propaganda). (Departamento de Comunicação Social). Taubaté, SP: Universidade de Taubaté, 2003, 163p.

SILVEIRA, A. C. (org.). **Jornalismo Além da Notícia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

SODRÉ, M; E FERRARI. M.H. **Técnicas de Reportem: Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SQUIRRA, S. **Boris Casoy: O âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.